

SOLDADO DA PAZ

QUATRO ANOS DEPOIS DE ENTIDADE URBANA, FERNANDA ABREU ESTÁ DE REGRESSO AOS DISCOS COM 'NA PAZ', ONDE FLORES SAEM DOS CANOS DAS ARMAS.

T: João Miguel Tavares

— O look é revolucionário: Fernanda Abreu de armas em punho e camuflado, a apontar pistolas e espingardas automáticas na nossa direcção. Mas dos canos não saem balas, antes flores — e o álbum chama-se *Na Paz*. Contudo, se o look é revolucionário no cruzamento da estética *make love* com a estética *war*, a música apresenta uma costela tradicional que não se lhe conhecia. Fernanda Abreu continua *funk* e dançante, mas o samba aparece numa pureza inédita neste novo disco, o primeiro a ser lançado pelo seu próprio selo, Garota Sangue Bom.

A Fernanda Abreu declarou à imprensa brasileira que *Na Paz* era o seu «disco mais português». A que se refere em concreto?

Acho que houve várias coisas que me incutiram esse sentimento. A imagem que escolhi para ilustrar a capa e o interior do encarte tem algumas referências ao 25 de Abril, mas o maior sentimento está no violão de sete cordas, que é um instrumento que me lembra, pela sonoridade, pela cor, pelo timbre, a guitarra portuguesa. Traz uma certa melancolia e um certo sofrimento, sentimentos que me foram transmitidos pelos meus avós e até pelo meu pai, que são portugueses. O meu pai chegou ao Brasil com 13, 14 anos e adaptou-se completamente, mas os

meus avós não. Eles sempre sentiram muita saudade de Lisboa e tinham uma enorme vontade de voltar. Eu ouvi fados, essas coisas todas, e quando escutei a primeira música deste meu disco, *Brasileiro*, com aquele violão de sete cordas, tudo isso me veio à memória. Subjectivamente — não de maneira lógica —, senti que esse disco mostrava um pouco da minha essência portuguesa.

Onde é que nasceu o seu avô?

Em Lisboa.

Ele ainda é vivo?

Fez 101 anos no dia 1 de Dezembro. Vou levar para ele amanhã uns pastéis de nata, que ele adora. Sempre que venho cá tenho de lhe levar pastéis. Também já lhe levei umas carniçolas do Sporting. Ainda hoje, ele fica no Rio a ver a RTP, comendo pastéis de nata e ouvindo fado. O meu pai já é totalmente brasileiro, mas eu tenho uma família enorme aqui, vários tios e primos. Desde a minha adolescência que venho a Lisboa e gosto muito da cidade. Aliás, acabei de tirar o meu bilhete de identidade. Passei a ser luso-brasileira.

Porque é que fez isso?

Porque talvez no futuro eu queira passar uns tempos aqui. Gostava muito de passar dois meses por ano em Lisboa. É uma cidade linda com a qual me identifico. Se fosse para morar nalgum lugar de Europa era este que escolheria, tanto mais

que adoro o português. Tenho aqui as minhas raízes, o clima é bom.

A Fernanda sempre deu uma certa respiração entre os seus discos, mas neste caso houve mais de quatro anos a separar *Entidade Urbana* de *Na Paz*. Andou entretida a ser mãe?

Também. É verdade que entre esses dois discos tive um filho, o que para uma mulher é uma coisa bem intensa. Mas o que houve de facto foi uma reestruturação da minha vida musical. Eu fiquei um período conversando com a minha editora, a EMI, onde estava desde 1982, porque queria ser um pouco mais independente. Então abri um selo, chamado Garota Sangue Bom, e foi preciso construir um estúdio, já que a minha ideia é lançar também outros artistas, tentar capitalizar para partir para outros projectos. Esse movimento não é nada simples e demorou muito tempo. A digressão do disco anterior também foi bastante longa, e este disco demorou um ano desde o início da composição e da escolha das parcerias até à masterização final. Então, na verdade, no meio de tudo o que estava fazendo, esses dois lançamentos não estão tão longe assim.

São vários os artistas brasileiros consagrados que romperam a sua ligação a grandes editoras para criar o seus próprios selos. Que explicação encontra para esta tendência?

A indústria discográfica, em todo o mundo e particularmente no Brasil, encontra-se numa crise bem grande. O mercado pirata é responsável por 50 por cento da venda de discos no Brasil, então a própria indústria está a ser obrigada a se reestruturar.

O CD, como media, eu tenho a impressão que vai acabar, irá virar uma outra coisa com a Internet e os downloads. A música continuará a ser vendida, mas noutros suportes, e por isso a relação entre o artista e a editora não pode ficar igual. Há uma nova ordem que está se estabelecendo, mas nós estamos ainda no meio da transformação, e ninguém sabe onde ela irá parar. Por isso, vários artistas optam por trilhar o seu próprio caminho, de forma mais independente, porque uma coisa é certa: ser dono do seu fonograma é muito importante. Neste momento, é indispensável o artista ter a propriedade da sua obra, e para isso ele tem de ter um selo. Eu consegui uma coisa ótima na EMI: eu paguei o disco mas eles entraram com a distribuição e com uma verba boa para a promoção.

Significa então que a crise tem um lado positivo, já que pode oferecer uma maior independência aos artistas.

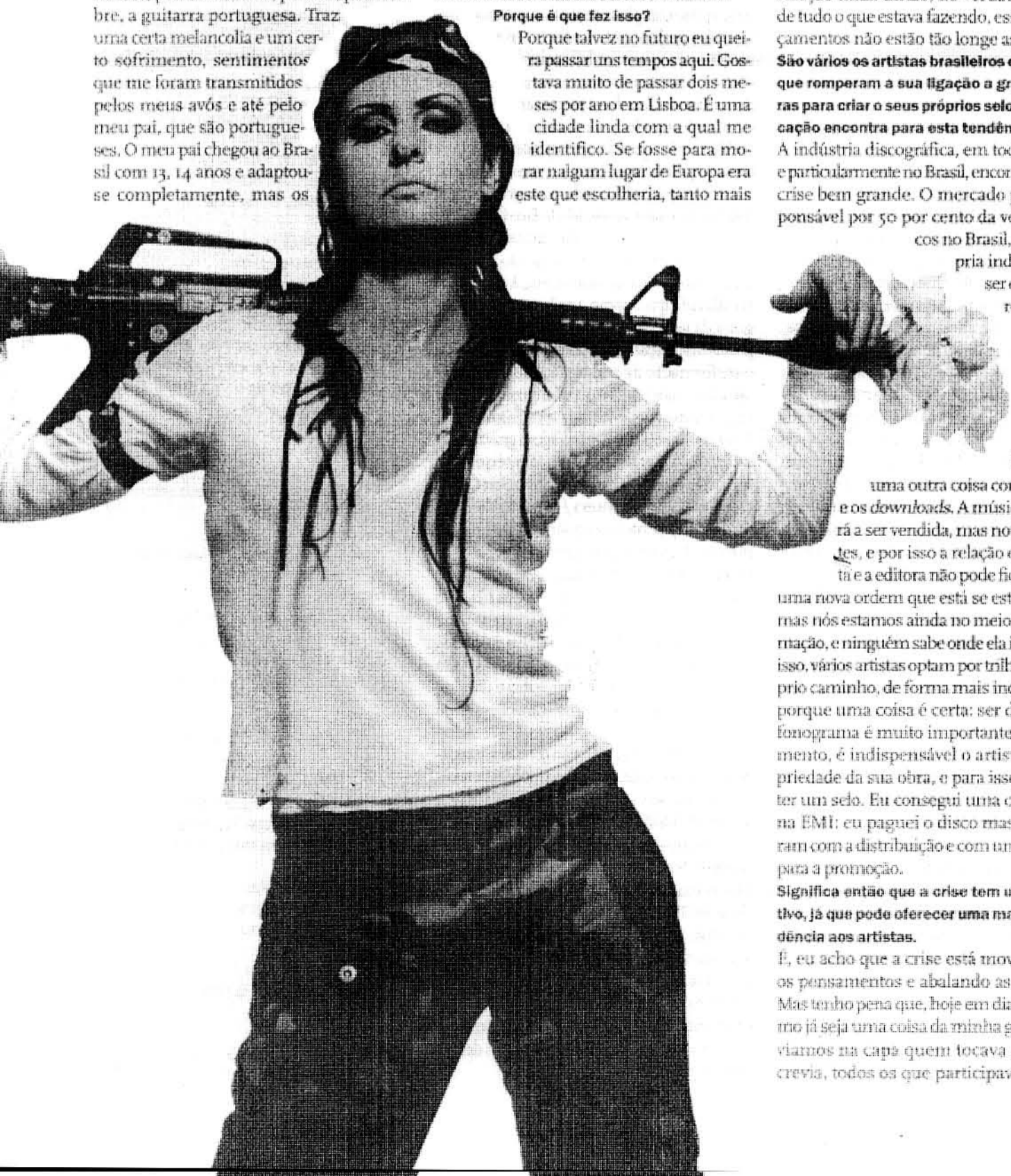
É, eu acho que a crise está movimentando os pensamentos e abalando as estruturas. Mas tenho pena que, hoje em dia, disco mesmo já seja uma coisa da minha geração. Nós viamos na capa quem tocava e quem escrevia, todos os que participavam no ambiente cultural da época. Era muito bacana analisar as associações, ver George Clinton produzindo Red Hot Chili Peppers. Hoje baixa-se a música e já está: quem tocou?, sei lá; quem produziu?, sei lá. Você não sabe nada. Só sabe ouvir a música. Eu ainda sou uma ouvinte que tem o interesse de saber quem está por trás, quem são as pessoas que estão participando naquele movimento criativo. Agora, vejo a minha filha que tem 12 anos e ela fica baixando música. Pergunto-lhe: «você sabe quem tocou essa guitarra?» Ela não sabe nada. Só ouve a música. Eles juntam-se na escola e trocam os seus *best of*, o que é simpático. Mas eu tento convencê-la a comprar discos. A democratização que a Internet e a tecnologia trouxeram é muito boa, mas há aspectos a apurar.

Falando mais em concreto deste disco. Não teve medo que o conceito de «paz e amor», de «flower power», pudesse estar um bocadinho fora de moda?

Se existe alguma coisa que possa ter um revival nesse momento é este estado de espírito. Confesso que estou de saco cheio da história do capital, do capitalismo. Eu tenho dois filhos e procuro continuar a educá-los com palavras como «generosidade», «amizade», «respeito». Não quero que eles sejam adolescentes que digam «tanto faz», interessados apenas em ter e em comprar. É muito importante ter esses valores. Agora, não se trata do velho «flower power», porque a nossa sociedade é bem mais complexa. Mas é um assunto que tem de ser falado, que tem de estar sempre a ser colocado na roda. Este assunto da paz pode ser *démodé* na Europa, mas no Brasil não é nem um pouco. Para quem vive no Rio de Janeiro, é uma questão que perturba todo o dia. Continua a ser uma questão urgentíssima. Não se pode sair de carro com o vidro aberto. Tem gang só para roubar *laptop* no aeroporto de São Paulo. Até as pessoas mais satisfeitas com o Lula cobram dele uma política de segurança pública. Na campanha de desarmamento nacional já foram entregues 800 mil armas. O Brasil é um país armado, e armado na sociedade civil. Não é só o polícia ou o bandido que têm armas — é todo o mundo.

A Fernanda colaborou nas três campanhas do Lula e finalmente ele é o Presidente. Como avalla o trabalho que está a ser feito?

As pessoas estavam com uma expectativa bem grande em relação ao Lula. E a gente caiu na real. Governar o Brasil é muito complexo. Quando o Lula chegou ao poder ainda existia uma parte da elite política e económica que acreditava que ele não iria conseguir governar. Oito meses depois, Lula iria dançar. Mas Lula foi esperto: morreu uma equipa que continuou a política económica de Fernando Henrique Cardoso. E fez bem, porque nós precisamos de crédito no exterior. As pessoas não queriam isso dele, queriam que ele arrebatasse, que acabasse com o lucro dos banqueiros, que acabasse com a miséria e a fome. Mas não é assim. O político é cada vez menos um ideólogo e cada vez mais um cara prático, um gestor. Já ninguém acredita em grandes ideias — apenas em boa administração do dinheiro público. Mas a gente vê coisas óp-



timas: nunca no Brasil se prenderam tantos políticos corruptos, até do próprio PT. Se hoje voltasse atrás votaria novamente em Lula, daria mais quatro anos para ele.

Voltando outra vez ao álbum. O que parece mais surpreendente a quem acompanha a sua carreira discográfica é a nova sonoridade, muito mais limpa, menos remisturada do que é habitual. Olhando para os temas que encerram Na Paz, quase desconfiarmos que ainda irá gravar um disco de samba tradicional.

É vou gravar mesmo. Já sei até que disco vai ser esse. Existem vários tipos de samba – samba canção, partido alto – mas o meu favorito é o samba enredo. Pretendo lançar na Garota Sangue Bom um disco só com os meus sambas enredo favoritos. Já fiz pesquisa e tudo, é só esperar pelo momento certo.

Mas tendo em conta que a Fernanda foi uma precursora com o chamado samba funk, como chegou a este ambiente clean em Na Paz?

Acho que faz parte da própria maturidade do meu som. Talvez seja a idade. Não pensei muito nisso: as coisas vão mudando naturalmente. O meu caminho na estrada dançante da música brasileira tem de avançar, pegar alguns atalhos às vezes, criar coisas novas. Penso que

este disco tem algum avanço em relação ao *samba funk* que eu fazia, que era muito mais apoiado na percussão. Aqui há mais harmonia, mais sentimento. Parece-me um disco mais profundo tanto nos arranjos como na composição. *Na Paz* continua a ter bastante ritmo, bons grooves, linhas de baixo que eu adoro – sempre foi o principal na minha música –, mas também tem esse outro lado mais melódico. Eu também estou mais velha, acho que é normal. Tudo depende do momento em que a gente está.

Este disco tem uma equipa de luxo: Jorge Benjor, Jaques Morelenbaum, Eumir Deodato, Martinho da Vila, entre outros. Este luxo deriva também da sua independência e de poder chamar quem lhe apetece para gravar consigo?

Sim e não. Eu não queria fazer o meu primeiro disco independente para alguém depois olhar e dizer: «foi baratinhos», chamei quatro pessoas e já está. Por outro lado, também não chamei essas pessoas para mostrar que é um disco luxuoso. Foi uma questão de afectos; era o meu primeiro disco e eu queria ter os meus amigos à volta, para participarem num disco que era muito importante para mim. Foi como uma festa de aniversário. Essas pessoas fizeram parte de uma celebração. ■■



■■■ Convinhamos que a mensagem, apunhada de Jorge Benjor, parece um pouco ingénua: «Eu vou torcer pela paz/ Pela Alegria, pelo amor/ Pelas coisas bonitas/ Eu sou torcer, eu vou! (no tema *Eu Vou Torcer*). Mas apesar da mensagem simplista, embora bem intencionada, a música de Fernanda Abreu permanece muito realista, no sentido em que está sintonizada com o que se passa à sua volta e continua a mergulhar nas melhores correntes sonoras que atravessam o Brasil – Fernanda Abreu é a branca que com mais inspiração trabalha a música negra do Rio de Janeiro. A cantora sempre manteve um grande intervalo entre os seus álbuns, o que lhe permite trabalhar bem o conceito e burilar os arranjos, apresentando invariavelmente, e independentemente da inspiração momentânea, obras inatacáveis em termos de produção. O novo disco é ainda mais caprichado do que é hábito, já que inaugura o próprio selo de Fernanda (Garota Sangue Bom) e reúne um conjunto de músicos e de vezes

PACIFISTA E MELODISTA

'NA PAZ' REVELA UMA ARTISTA COMPLETA, NUM DISCO CHEIO DE AMIGOS DE EXCEÇÃO. COM ALMA PORTUGUESA E VONTADE DE SAMBAR

convidades de excepção, de Jaques Morelenbaum a Marcos Suzano, de Jorge Benjor e Martinho da Vila. O resultado é um disco onde encontramos o ritmo e os balanços que são a marca da cantora, mas também a valorização da componente melódica, numa dimensão até aqui inédita, acompanhando a evolução da própria Fernanda como intérprete. Quando, nos últimos dois temas, ela surpreendentemente veste a roupa de um sambista tradicional, os ouvidos não acusam o toque: Fernanda está enfiada à altura desse desafio. A compor bem e a cantar melhor, *Na Paz* é, sem dúvida, um dos pontos altos da sua carreira. Nunca como aqui Fernanda Abreu se mostrou uma artista tão completa. ■■

FERNANDA ABREU

Na Paz

Garota Sangue Bom/EMI

★★★★